



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

DO NARRATIVO AO DRAMÁTICO, DA LITERATURA À REESCRITA DE TEXTOS LITERÁRIOS: UM CAMINHO PARA A LITERATURA NA ESCOLA DO CAMPO

Autor (1); Gilmaria Maria dos Santos Araújo (1); Valéria Andrade (1)

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

Unidade Acadêmica de Educação do Campo

Victoriagilmaraari@gmail.com

Resumo: Tendo como foco a prática da leitura na sala de aula do ensino fundamental da escola do campo, a presente pesquisa buscou averiguar sua presença neste espaço, especialmente no que se refere ao gênero dramático, como também de promover estratégias inovadoras na formação do leitor mediante novas possibilidades de leitura do texto literário na sala de aula. Para tanto, foi desenvolvida uma experiência de leitura junto a alunos do 9º ano do ensino fundamental da Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barbosa de Andrade, localizada no Distrito Pio X (zona rural), do Município de Sumé-PB, a partir de uma proposta que incluiu a apresentação de diferentes modalidades de leitura da tradicional narrativa para crianças conhecida como Chapeuzinho Vermelho e da versão brasileira escrita por Chico Buarque, intitulada Chapeuzinho Amarelo, e, na sequência um exercício de produção textual realizado pelos alunos apoiado no diálogo entre o gênero narrativo e o dramático.

LEITURA LITERÁRIA, REESCRITA TEXTUAL, LITERATURA PARA CRIANÇAS.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



Informações gerais:

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com a leitura na sala de aula tem sido, como se poderia dizer, desde sempre, um assunto muito discutido, nos vários e diferentes ambientes escolares procuram-se soluções para que no dia-a-dia os educandos desenvolvam mais e melhor seu hábito de leitura, com isso vem a importância de se promover a leitura com variados textos literários na sala de aula.

Sabemos que ainda nos dias de hoje os textos literários, em geral e, em especial, os do gênero dramático, são muito pouco lidos na sala de aula, ou até não lidos, levando-nos à percepção de que crianças e jovens em idade escolar pouco sabem sobre gêneros literários e sua importância na formação da leitura.

Refletindo sobre este quase desconhecimento dos alunos em relação aos diferentes gêneros literários, percebi a importância de se trabalhar esta diversidade literária na sala de aula, fazendo ressaltar características e especificidades de um e de outro, vindo a contribuir para que a leitura literária passe a frequentar mais o espaço da escola em geral e, em particular, a do campo.

O meu trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica acrescentada de observações e de uma experiência de leitura desenvolvida com a turma do 9º ano da Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barbosa de Andrade, localizada no Distrito Pio X (zona rural), Sumé/PB. A finalidade da pesquisa foi verificar o conhecimento que os educandos tinham em relação a textos literários e leitura dramática na sala de aula e apresentar-lhes novas modalidades de leitura com os textos dramáticos.

Minha pesquisa deu-se a partir dos conhecimentos das características do que vem ser um texto literário e possibilidades de leitura de textos dramáticos para a prática de leitura e escrita em da sala de aula, o que exigiu um referencial teórico correspondente à pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro momentos. No primeiro momento fui à escola conhecer a turma em que iria realizar a pesquisa para ter um acolhimento nos próximos encontros. No segundo momento levamos alguns textos literários para sala de aula para serem lidos para os alunos de várias formas, narradas e em forma de leitura dramática dentre outras e lançamos a proposta dos educandos produzirem seus próprios textos para serem lidos e dramatizados na sala de



aula. No terceiro momento realizei uma entrevista com as professoras sobre a importância de se trabalhar com textos literários, incluindo os dramáticos, na sala de aula, para desenvolver as habilidades de leituras dos educandos. No quarto e último momento analisamos os textos produzidos pelos alunos e escolhemos um para ser lido e encenado no encontro das escolas do campo que ocorreu na Universidade Federal de Campina Grande Campus Sumé- PB.

Os textos escolhidos para leitura foram Chapeuzinho Vermelho, em versão considerada clássica, Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, e Chapeuzinho Azul, versão construída a partir de outras que recolhi na Internet. Fizemos uma adaptação desses textos em forma de leitura dramática e reinventamos outra história da Chapeuzinho Vermelho em que a personagem original foi duplicada em duas irmãs, e a Chapeuzinho Azul, que ao invés de ser uma menina passou a ser uma adolescente.

A história do Chapeuzinho Vermelho foi escolhida por ser uma história bastante conhecida e enfatizada na sala de aula e através dessa história trouxemos a história do Chapeuzinho Amarelo e Chapeuzinho Azul mostrando e possibilitando aos alunos que através de uma história podemos fazer o novo reinventar uma nova história porque somos todos poetas e temos o dom e a habilidade de podermos recriar, transformando o antigo no novo.

No segundo capítulo desta monografia dialogo com as concepções dos autores que utilizei para minha pesquisa, em que trouxe primeiramente a ideia da importância da leitura literária na sala de aula e, em seguida, discussões sobre leitura e construção do conhecimento, a leitura do campo e no campo, a literatura para crianças, o texto dramático e a formação do leitor, o diálogo entre o texto narrativo e o dramático.

No terceiro capítulo apresento as características da escola onde realizei as atividades da minha proposta, da turma e das professoras com quem interagi durante a experiência. Neste mesmo capítulo apresento a análise destes dados e das ações desenvolvidas durante a pesquisa.

No quarto capítulo elaboro minhas considerações finais e reflexões em torno do aprendizado que adquiri durante a pesquisa.

METODOLOGIA

Minha pesquisa tem como alvo o estudo do texto dramático e a construção de novas estratégias de leitura para a formação do leitor no âmbito escolar da escola do campo.



O trabalho será desenvolvido em cinco etapas. Na primeira etapa, pretendo fazer uma pesquisa com os educandos e com o/a professor/a de língua portuguesa da turma avaliada, para verificar se a professora trabalha com texto dramático em sala de aula e, em caso afirmativo, pesquisar que textos já foram trabalhados. Em seguida, passarei a consultar se os educandos conhecem a estrutura do texto dramático e, em caso negativo, procederei atividades de iniciação a estes conhecimentos.

Na segunda etapa, após verificar o conhecimento prévio que os educandos têm sobre texto dramático, irei desenvolver atividades em sala de aula voltadas para a produção textual dos educandos relacionada à reescrita de textos literários. Em seguida, na terceira etapa, levarei para a sala de aula o texto selecionado “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque. Na leitura do texto os alunos serão estimulados e instrumentalizados para o processo de adaptação do texto narrativo em texto dramático e cênico.

Na quarta etapa, após a leitura, irei promover um debate sobre o texto “Chapeuzinho Vermelho” e “Chapeuzinho Amarelo” discutindo as possibilidades de novas reinvenções do Conto do Chapeuzinho Vermelho para serem escritas e encenadas pelos próprios educandos e esclarecendo dúvidas sobre o texto dramático.

Na quinta e última etapa será feita uma nova sondagem com os educandos e o professor para verificar se a experiência proporcionou aos educandos o interesse pela leitura e escrita, como também sobre que conceito o aluno construiu sobre o texto dramático e sobre o teatro.

Minha pesquisa será realizada através de observações e pesquisas de campo, para poder ter conhecimento do ensino-aprendizado dos educandos envolvidos na pesquisa. Serão feitos questionários para análise.

Metodologia	Procedimentos	Recursos
1º Momento	Sondagem/ questionário	Folhas de papel ofício
2º Momento	Apresentação /discussão do conceito e características para escrita de novos textos dramáticos	Datashow e quadro branco
3º Momento	Leitura	Cópias impressas do texto dramático selecionado
4º Momento	Conversa/ debate	Folhas avulsas
5º Momento	Sondagem/ questionário	Folhas de papel ofício

3.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Nas observações de aula, conforme já referido, verifiquei que a leitura de textos dramáticos não vinha sendo realizada na sala de aula da escola onde realizei a experiência descrita. No espaço observado, registramos a presença apenas do gênero narrativo, trabalhado a partir da fábula. Na recepção dos alunos foi possível verificar sua familiaridade com aquele tipo de texto, lido e trabalhado, porém sem levar em conta a possibilidade de alternativas voltadas para a fruição dos leitores. Diante disso, percebi a necessidade de sugerir possibilidades e desenvolver atividades que despertassem o interesse por uma leitura prazerosa, a partir de atividades mais lúdicas que pudessem ampliar as realidades dos educandos a partir da prática de outros modos de ler.

Neste sentido, a ideia foi pensar em atividades que dinamizassem o ato da leitura, fazendo os alunos saírem tanto de suas carteiras como do lugar de leitor isolado que realiza uma leitura silenciosa, apenas de si para si. Era preciso pensar em uma nova possibilidade de se ler, por meio da qual eles pudessem soltar sua imaginação.

Como enfatizamos antes, a leitura é capaz de transformar as pessoas, e para que isso aconteça de modo mais pleno e efetivo é preciso praticá-la de forma que o indivíduo que esteja



envolvido com a leitura possa sair de si e entrar no mundo do outro fazendo uma leitura prazerosa.

Como destaca Maria Helena Martins (1994, p.17):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam - aí então estamos procedendo a leituras, as quais habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura.

Portanto, a leitura incorporada de modo que o aluno possa perceber o mundo ao seu redor e agir nele se torna essencialmente mais interessante, fazendo com que ele desperte para ler tudo o que possa levá-lo a pensar no mundo ao seu redor, e se for o caso, agir para transformá-lo.

Quando estávamos realizando esta pesquisa tivemos o cuidado de deixar o lado imaginativo dos alunos virem à tona, independente de serem alunos inseridos na escola do campo. A reflexão aqui se deve à necessidade de desconstruir a ideia relativamente comum de que sujeitos do campo seriam incapazes de poder avançar nos ideais da vida, ou até mesmo sair do seu espaço e procurar novas oportunidades, confundindo o direito que têm de ter educação de qualidade no campo com a obrigação de viver no campo e a ele limitar seu horizonte de expectativas.

Outra necessidade que observei na sala de aula seria a de se trabalhar o lúdico, mediante o movimento corporal que colocasse os alunos em pé, literalmente, fazendo despertar suas potencialidades, levando em consideração seus aprendizados dentro e fora da sala de aula, algo que eles próprios pudessem recriar. E o texto dramático abre estas possibilidades com grande proveito.

O texto dramático nos proporciona vantagens, de despertar o interesse pela leitura, possibilitando o aluno a ler o mundo ao seu redor, por ser um texto que pode ser lido de diversas maneiras e se estruturar a partir de elementos verbais e não verbais.

No tocante ao modo como as professoras de Língua Portuguesa lidam com a literatura na escola e a inserem neste espaço, verifiquei suas dificuldades em desenvolver atividades relacionadas à prática da leitura literária na sala de aula, incluindo um corpus de textos dramáticos na sala de aula, mas não têm a iniciativa de aprofundar muito seus conhecimentos na área. Uma delas trabalhou apenas com o conto Chapeuzinho Amarelo, não se interessando em pesquisar outras obras, outros textos literários, apesar de ciente de que esses textos podem despertar no aluno o gosto pela leitura.

Outro aspecto que verifiquei no diálogo com as professoras remete à insegurança para



inserir o texto dramático na sala de aula. Em certas situações, durante as observações, notei a disposição criativa e curiosa dos alunos, o que se apresenta como um fator muito favorável para as atividades que podem ser desenvolvidas a partir da inserção deste texto literário na prática cotidiana da leitura na escola.

Outra observação diz respeito à compreensão da professora sobre as relações entre texto dramático, ou seja, texto escrito para teatro, e encenação, sendo perceptível uma confusão ou imprecisão conceitual do gênero dramático e seus desdobramentos na área do teatro. De fato, não parece ser muito difundido o conhecimento de que o texto dramático não necessariamente precisa ser encenado, podendo ser material de experiências lúdicas e prazerosas a partir do ato de ler realizado em sua materialidade textual.

A leitura realizada com prazer e por prazer na sala de aula renova o interesse dos educandos pela literatura, e quando essa leitura é escolhida de forma prazerosa e compartilhada, o avanço da leitura seja espontâneo entre os leitores.

Quanto à análise dos textos produzidos pelos alunos que participaram da experiência desenvolvida na escola do Distrito Pio X, verifiquei o quanto os textos lidos e trabalhados durante aquela oportunidade colocou a imaginação dos educandos em movimento, levando-os para além do contexto de cada um, em busca de novas alternativas e invenções, do novo para que seus textos ficassem interessantes. No seu conjunto, podemos dizer que os alunos não tiveram medo de imaginar e recriar, dando uma nova interpretação aos seus textos. Os educandos recriaram músicas, novas histórias para os personagens do texto, dentre outras invenções.

Neste sentido, vale a pena lembrar as palavras de Maria Helena Martins (1999, p.32-33):

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.

As leituras dos contos Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, e a versão Chapeuzinho Vermelho, realizadas em voz alta e em forma de narração e de apresentação dramatizada conseguiram mobilizar os alunos para a produção textual a partir da proposta de reescrita de um texto literário.



Ao finalizar as leituras dos textos pudemos perceber que os alunos escreveram textos dramáticos para ser lidos e encenados. À minha indagação sobre a natureza daqueles textos por eles produzidos, responderam que seria um texto apenas para ser encenado e que haviam feito a indicação dos personagens no texto para facilitar a localização da fala de cada um que iria encenar a história.

Em diálogo com as professoras para que apresentassem suas considerações a respeito da experiência de reescrita literária realizada pelos alunos, uma delas observou que a leitura dos textos narrativos feitas com indicação da fala de cada personagem provavelmente levou-os a incorporar elementos do texto dramático nas suas produções textuais. A mesma professora referiu-se à leitura, em sala de aula, do já citado texto dramático “Anjos de Caramelada”, como possível estímulo para os alunos em suas produções textuais.

A leitura dos textos narrativos também movimentou bastante os alunos, quando lhes apresentamos a versão tradicional do conto Chapeuzinho Vermelho. Após a leitura desta versão, já conhecida pela maioria, resolvemos inovar com uma apresentação dramatizada de uma versão recriada deste conto: em vez de uma menina Chapeuzinho Vermelho, como no enredo original, colocamos duas Chapeuzinhos Vermelhos, como já relatado anteriormente. irmãs que estavam cansadas da sua vida como a levavam e da música sempre cantada por todos então. Assim, resolveram mudar, propondo a cantar Funk e Rock para saírem da rotina e porque já não se viam mais como crianças. As personagens cantaram e dançaram as músicas completas, incentivadas nesses ritmos pela empolgação dos alunos que cantaram as músicas até o fim.

REFLEXÃO

Durante a pesquisa realizada na escola do campo José Bonifácio de Andrade, aprendi muito, tanto nas pesquisas bibliográficas como na pesquisa de campo. Encontrei grandes gênios refletindo e afirmando possibilidades que a leitura pode nos propor e o poder que a literatura tem em transformar nossas vidas.

No decorrer da pesquisa de campo aprendi muito com os docentes e discentes sobre a forma de como trabalhar em sala de aula, como referido antes, deixandoos educandos à vontade para transferir o conhecimento de ambas as partes e possibilitando novos caminhos para o seu aprendizado.

Nas observações da sala de aula que realizei durante a pesquisa, pude observar alguns



aspectos relevantes a minha pesquisa, principalmente o prazer dos educandos em participar das aulas de leitura e em realizar apresentações fora da sala de aula para todo o corpo docente e discente da escola. Com isso fui percebendo as possibilidades dos educandos trabalharem com o texto dramático na sala de aula, e fui observando se esse tipo de leitura existia dentro da sala de aula. Também pude observar a relação entre as professoras e alunos na sala de aula e como elas lidam com as dificuldades da leitura e escrita neste espaço, as atividades propostas por elas para vencer estas dificuldades e ainda a recepção dos educandos a estas atividades em sala de aula.

Com as leituras dramatizadas realizadas no espaço da sala de aula, constatei a importância de se mostrar e incentivar novas possibilidades em relação à prática da leitura literária pelos alunos em sala de aula, avançando assim no que se refere às práticas usuais e pouco atraentes, ou seja, indo além no mundo da leitura, mediante novas práticas que levam a inventar um novo modo de se relacionar com os livros, a leitura, a literatura e o mundo.

Com as entrevistas concedidas pelas professoras de Língua Portuguesa da escola onde realizei minha experiência, percebi que a leitura dos textos dramáticos é pouco praticada dentro da sala de aula, que as professoras buscam ler outros gêneros literários, porém sem conseguir, com mais eficiência, ensinar a ler o texto dramático na sala de aula mesmo sabendo sua importância, mostrando aos alunos que com estes novos modos de ler outros textos eles ganhavam a chance de narrar a história “mostrando”, e de se tornarem integrantes das histórias narradas, ou seja, dando possibilidades aos alunos de conhecer vivenciando, mediante ações realizadas por eles como se fossem as personagens da história, o próprio texto narrado.

O trabalho com o conto *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, foi muito proveitoso, pois mostrou aos alunos a possibilidade de inventar o novo, pois a partir do *Chapeuzinho Vermelho* surgiram o Amarelo e o Azul e que eles poderiam inventar a cor que melhor os identificasse, e que eles não se prendessem só ao método de leitura habitual já conhecido e praticado por eles.

Por último as leituras dramatizadas e as produções textuais realizadas a partir da reescrita dos textos literários foram bem sucedidas e houve uma participação maior do que esperávamos dos alunos tanto na escrita como na leitura do texto dramático.

Além disso, foi muito prazeroso ver os alunos lendo de forma narrada e mostrada a leitura do texto que eles próprios produziram dentro da sala de aula e levaram sua experiência para fora da escola, realizando a leitura dramatizada no auditório do CDSA/UFCG, na cidade de Sumé. Pude perceber também que minha pesquisa contribuiu com o fazer docente das professoras, que, em seus relatos, afirmaram o propósito de dar continuidade à prática da leitura literária em suas aulas.



Em acréscimo, levei experiência semelhante para a sala de aula onde já atuo como professora, oferecendo aos alunos novas possibilidades de leituras e reescrita de textos literários na sala de aula. Os bons resultados desta experiência no meu cotidiano docente despertou-me o interesse em dar continuidade a esta nova prática em séries diversificadas, buscando inventar o novo, em que cada aluno se inclua na sua realidade.

Portanto, o trabalho com textos literários, o dramaturgicamente em particular, e com a leitura dramatizada, foi muito satisfatório para minha caminhada profissional, por ter me proporcionado novos caminhos metodológicos na sala de aula que incentivam os alunos em suas buscas pelo novo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste caminho até aqui, percebo que toda a pesquisa realizada foi muito satisfatória para meu aprender docente, pelo qual irei exercer, na sala de aula, os aprendizados relacionados à formação de novos leitores com expectativas de vários tipos de leituras. Aprendi muito com o pensar sobre a literatura e, mais ainda, lendo a literatura. Sempre levarei no meu caminhar docente a ideia de que a literatura pode muito, ela pode mudar o mundo e as pessoas, assim como mudou meu modo de pensar e de ver as pessoas. Foi uma experiência muito rica e transformadora poder dialogar com autores como Tadeu Grazioli, Paulo Freire, Maria Helena Martins, entre outros. Aprender com o pensamento destes autores foi só acrescentando a paixão pela literatura.

Ao longo da pesquisa bibliográfica percebi a importância da leitura dos textos literários dentro da sala de aula, como a prática da leitura literária leva o aluno a realizar o ato da leitura mais prazerosamente.

Constatei também a importância de se praticar a leitura dos textos dramaturgicamente na sala de aula com os alunos, mostrando-lhes que não devemos nos prender a um só tipo de leitura e, mais que isso, devemos estar sempre recriando um novo.

A leitura do conto *Chapeuzinho Amarelo* foi importantíssima para levar os alunos a perceber, na prática, a possibilidade de se fazer o novo.

A experiência de produção textual realizada pelos alunos voltada para a reescrita de textos literários me deixou perceber com muita clareza o quanto a pesquisa gerou bons resultados, pois os alunos demonstraram, na prática, que sim, a ideia mais comum que se tem em relação aos sujeitos do campo, de que eles estariam limitados ao seu contexto sócio geográfico, pode e deve ser reconstruída. A oportunidade, oferecida a cada participante da experiência, de se expressar por meio



de sua escrita, nos permitiu observar que os sujeitos do campo podem e podem muito ir além e a literatura é um dos caminhos. Caminho este que é promover, no espaço da escola, pela prática da leitura literária, a liberdade de expressão e de escrita que todos possuímos e, por meio dela, a autonomia criativa de refazer seu jeito novo de caminhar no mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. **Revista do GT de Literatura Oral Popular da ANPOLL**: 1980. Disponível em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/Artigo%20Helder.pdf>>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura Infantil**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Primeiros Passos, 163)

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: __. **Vários escritos**. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática.1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CALDART, Roseli Salette. **Por uma Educação do Campo**: Traços de uma identidade em construção.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura Infantil na Sala de Aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010. (Coleção como usar na sala de aula)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1994.

GAIMAN, Neil. **Por que nosso futuro depende de bibliotecas, de leitura e de sonhar acordado**. Disponível em: <http://indexadora.com/2013/10/17/neil-gaiman-por-que-nosso-futuro-depender-de-bibliotecas-de-leitura-e-de-sonhar-acordado/>. Acesso em 03 de abril de 2016.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **Teatro de se ler**: o texto teatral e a formação do leitor. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade. **Teoria da literatura “revisitada”**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.



KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos, 74)

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva.

PINHEIRO, Hélder. Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos. In: __. **Pesquisa em literatura**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2011. pp. 15-58.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 2009.

VIDOR, Heloíse B. **Leitura e teatro: aproximações e apropriação do texto literário**. 2015 (222 f.) Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.